

REVISTA

BULUNGA

Junho de 2022 - número 6

Neste número

O NÚCLEO DE ESTUDOS TEATRAIS
completa 42 anos

OSCARITO
e os sucessos da Atlântida

ERNEST HEMINGWAY
Paris é uma festa

**DIÁRIO DE UM
CONFINAMENTO**
novos episódios

BULUNGA ENTREVISTA
um mendigo (não é o Givaldo)

O ESTIGMA DO PALHAÇO
você tem motivos para ter medo

e muito mais

José Márcio Corrêa
ator e diretor
fundador do NET



Editorial

As pessoas estão ficando muito malucas, já dissemos isso em outras oportunidades. Com essa proximidade do fim do mundo, ocorreu uma ruptura com a normalidade, e tudo virou ao avesso, quando o certo passou a ser errado, e o errado, certo. Homem virando mulher e mulher virando homem. Poste mijando no cachorro. Caranguejo andando de costas. Calor no inverno. Frio no verão. Não dá para entender mais nada.

O medo está tomando conta do mundo. Um estudo recente nos mostra que mais da metade da população mundial gosta de assistir filmes de suspense ou terror. O medo entretém as pessoas.

A "Guerra dos Mundos" programa de rádio narrado por Orson Wells foi elevado à perfeição, quando o famoso astro inventou que os extraterrestres estariam invadindo a Terra e todo mundo acreditou, sendo que na época muita gente se matou, com medo de morrer.

As emissoras de TV gostaram tanto da brincadeira que tentaram repetir o sucesso, anos depois, promovendo as famosas pegadinhas do João Kleber e do Sérgio Mallandro, mas o lance era tão manjado que os telespectadores acabaram preferindo o realismo fantástico do "teste de fidelidade" e da "porta dos desesperados".

Mas os magos do entretenimento popularesco não desistiram, e continuaram bombardeando os meios de comunicação com notícias de doenças contagiosas, terremotos, quedas de meteoros, ameaças de bombas, guerras imaginárias ou não, crianças nascendo sem cérebros, mosquitos matadores, vermes comedores de carnes vivas, tudo com o propósito de deixarem o povo "amaciado" para as ações nefastas dos governos, que lhes garantiam gordas verbas de publicidade.

O uso das máscaras foi liberado, mas muita gente não abre mão do acessório, por puro medo, e vai usá-la até o resto de suas vidas, pois assim se sentem mais seguras em seu enclausuramento voluntário.

Quando os governos do ocidente instituírem a obrigatoriedade da burca, teremos filas quilométricas de gente querendo comprar das melhores grifes, com estampados, pedrarias e coisas do tipo.

Mas estamos chegando ao fim, isso é o que importa. Ainda não estão vendendo ingressos para a outra vida, mas já devem começar em breve. Garanta o seu lugar!

CALÍGULA E POLITICA

É verdade que este mundo tem coisas muito estranhas e, ultimamente, está ficando ainda mais bizarro com práticas inusitadas e, por que não dizer, doentias, psicóticas, a acometer um e outro, aqui e acolá: pessoas se consideram árvores sem produzir um pingo de clorofila; outros se assumem gatos, sem darem um miado convincente ou escalarem o muro do vizinho com apenas um salto; "casamentos" entre humanos e animais, com direito a festa, certidão e lua de mel, e até mesmo uniões estáveis com hologramas, claro, se não cair a conexão 5G ou o software.

O próximo passo é a vida se transferir definitivamente para o Metaverso e, numa espécie de Matrix, a possibilidade de se poder assumir diversas identidades, sem ter nenhuma de verdade. Por enquanto, esse "paraíso" não está ao alcance da maioria, já que os gastos para se manter uma vida por lá é cinco, seis vezes mais caro do que aqui, mesmo com os impostos absurdos, roubalheiras e corrupções por todos os lados, assaltantes, pedintes e a indústria diminuindo ano a ano o peso dos produtos, mas mantendo o preço nas alturas. A realidade ainda é mais barata.

São como os streaming, Amazon, HBO, History, ESPN ou qualquer outro; você compra o pacote achando que está resolvendo um problema, mas nada: está é criando outro, pois dentro da trouxa principal terá de pagar pelos melhores e mais recentes lançamentos, ou seja, o bobo é você!

Bem, o título fala de Calígula (Caius Julius Caesar Augustus Germanicus) e ele talvez seja um dos precursores das bizarrices e sandices a espalharem-se mundo afora. Enquanto imperador de Roma (37 a 41 D.C.), nomeou o seu cavalo predileto, "Incitatus" (impetuoso), senador e cônsul, talvez por considerar o Senado digno de receber o seu mais dileto ídolo, ou simplesmente era a cocheira apropriada para alojar o nobre equino. Para piorar a situação, obrigava os senadores a se reunirem e despacharem na presença do animal, o que, certamente, deixava a assembleia "bufando" de raiva (sei, o trocadilho é infame, mas não pude resistir).

Política, por essas nossas bandas (na verdade, no mundo em geral, excluindo-se os países onde não se tem nada a discutir, porque é proibido) é mato sem cachorro. Nunca se sabe quem é a caça ou o caçador, mas sempre tem um alvo preso às costas e a certeza de o tiro não ser certo, suficiente para matar, mas que vai doer demais e derramar sangue, isso vai.

Por aqui, se elege Presidente, Senadores e Deputados, e leva-se de brinde o STF. Curioso é que o alto escalão judiciário parece agir como o imperador dos cavalos: dá ao Executivo e Legislativo capim e alfafa, enquanto eu e você ganhamos banana.

Jorge F. Isah

SOMOS TODOS DESCENDENTES DOS SURICATOS?



pelo nosso correspondente internacional
Nuno Campanha

Cientistas descobriram recentemente que o homem não descende dos macacos, como até então se pensava, mas dos suricatos. Para quem não sabe, os suricatos são mamíferos da família Herpestidae, única espécie descrita para o gênero suricata, e pode ser encontrada na África do Sul, Botsuana, Namíbia e Angola.

A constatação dessa impensada descendência resulta de estudos mostram que os suricatos são capazes de ensinar ativamente suas crias a caçarem e a acumularem objetos, um método semelhante à capacidade humana de ensinar, com a presença de verdadeiros “professores” que transmitem o ofício aos filhotes.

Outra importante característica que levou os estudiosos a se dedicarem ao estudo da espécie, que conseguissem destacar possíveis semelhanças com os seres humanos, é uma forma de prazer mórbido que eles sentem em fazerem medo uns nos outros, como parte de um esquema de dominação do grupo. Por isso, os bichinhos estão sempre apreensivos, alertas para um perigo nem sempre iminente, que às vezes é forjado, por interesses políticos.

Além disso, esses animaizinhos meigos são capazes de anular os efeitos dos venenos de escorpiões e cobras najas, aos quais estão imunizados, e que se tornam suas preferidas iguarias do cardápio, semelhantemente aos humanos, que sobrevivem aos mais letais venenos expelidos pelos seus pares.

Até então se acreditava que o homem descendia dos símios, em razão das semelhanças físicas e de algumas reações dos primatas, principalmente no tocante à balbúrdia que esses últimos fazem em estádios de futebol, atitudes que guardam intimidade com os conflitos que ocorrem entre os bandos daquela espécie.



Conforme dissemos, os suricatos estão sempre apreensivos, e se juntam em bandos para se consolarem mutuamente, mas também para divulgarem suas fake news, sendo que os excessos desses atos nem sempre são controlados pelo chefe do bando, mas por intrusos que disputam o poder de uma forma questionável, se aproveitando da passividade natural da espécie.

No cinema, o suricato Timão, que fazia dupla com o javali Pumba, fez muito sucesso em “O Rei Leão”, mas

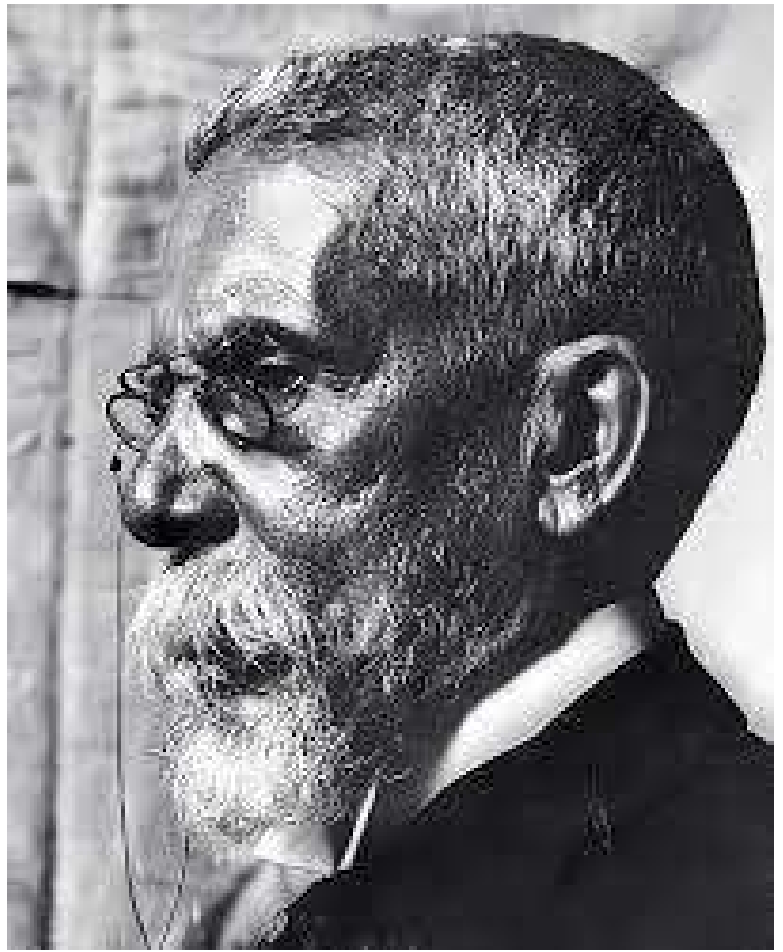
por conta da obrigatoriedade imposta pela Nova Ordem Mundial, extensiva ao Reino Animal, o personagem teve que aparecer meio afrescalhado, o que há de ser uma injustiça, pois o bicho é muito macho, como dissemos, a ponto de encarar as terríveis cobras najas e escorpiões.

Os suricatos também são conhecidos por sentarem nos próprios rabos para falarem mal dos rabos dos outros, e essa característica foi fundamental para que os cientistas descobrissem o parentesco entre as espécies.

O problema é que os humanos se tornaram muito mais agressivos do que os seus parentes, que se restringem a mostrar os seus dentes quando entram na disputa pelo seu cardápio, enquanto os homens podem facilmente distribuir muito mais do que mordidas. Isso é o que chamamos "evolução da espécie".



“O amor é o rei dos moços e o tirano dos velhos”
“Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular”
“A loucura é uma ilha perdida no oceano da razão”
“Creia em si, mas não duvide sempre dos outros”
“A mentira é muitas vezes tão involuntária como a respiração”
“É melhor, muito melhor, contentar-se com a realidade; se ela não é tão brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir”
“O dinheiro não traz felicidade — para quem não sabe o que fazer com ele”
“Aos quinze anos, tudo é infinito”
“A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal”
“O inferno é um hospício de incuráveis”
“A amizade é como um círculo e como um círculo não tem começo nem fim”
“Ouça-me este conselho: em política, não se perdoa nem se esquece nada”
“A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente”
“Felizes os cães, que pelo faro descobrem os amigos”
“A arte de viver consiste em tirar o maior bem do maior mal”
“Mas o tempo, o tempo caleja a sensibilidade”
“Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior”
“Matamos o tempo, o tempo nos enterra”



MACHADO DE ASSIS

por Jorge F. Isah

Provavelmente, o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Joaquim Maria Machado de Assis, nasceu em Livramento, Rio de Janeiro, em 1939, filho do mulato Francisco José de Assis, cujo ofício era pintor e decorador de paredes, e de Maria Leopoldina, imigrante portuguesa da Ilha dos Açores, que trabalhava como lavadeira.

De infância pobre, fez seus primeiros estudos na escola pública do bairro de São Cristóvão; mas foi a amizade com o padre Silveira Sarmiento, a quem ajudava nas missas, que o estimulou e também ensinou-lhe latim.

Aos 10 anos perdeu a mãe, e foi criado pela madrasta Maria Inês da Silva. Doceira na escola de São Cristóvão, levou o enteado para lá. À noite, Machado trabalhava em uma padaria e aprendia francês com o forneiro. Lia tudo que lhe passava às mãos.

Aos 15 anos conheceu o dono de livraria, jornal e tipografia da região, Francisco de Paula Brito, com quem iniciou os trabalhos de tipógrafo. Dono do jornal “Marmota Fluminense”, publicou também o primeiro poema de Machado, “Ela”, e daí para a frente tornou-se escritor regular do jornal. Travou amizade com políticos e literatos, especialmente os jornalistas Francisco Otaviano, Pedro Luís e Quintino Bocaiuva, que lhe abriram muitas “portas”. Por meio de Quintino, começou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Oficial, em 1856; e por Otaviano e Pedro foi admitido no “Correio Mercantil”, como revisor, em 1858.

Aos 20 anos, participava dos melhores círculos literários e jornalísticos do Rio de Janeiro, colaborando para várias publicações. Estreou como crítico teatral na revista “Espelho”, e não parou mais. Quintino o introduziu na redação do “Diário do Rio de Janeiro”, onde escrevia de tudo, sobre todos os assuntos, e mantinha uma coluna de crítica literária.

Fundou, com outros intelectuais, a “Academia Brasileira de Letras”, em 1896, ocupando a cadeira 23, e foi nomeado seu primeiro presidente, em 1897, cargo que ocupou até a morte. Era pródigo em todos os

gêneros literários: poesia, ensaio, crônica, conto, crítica literária e tradução. Escreveu quatro dos maiores romances da literatura brasileira:

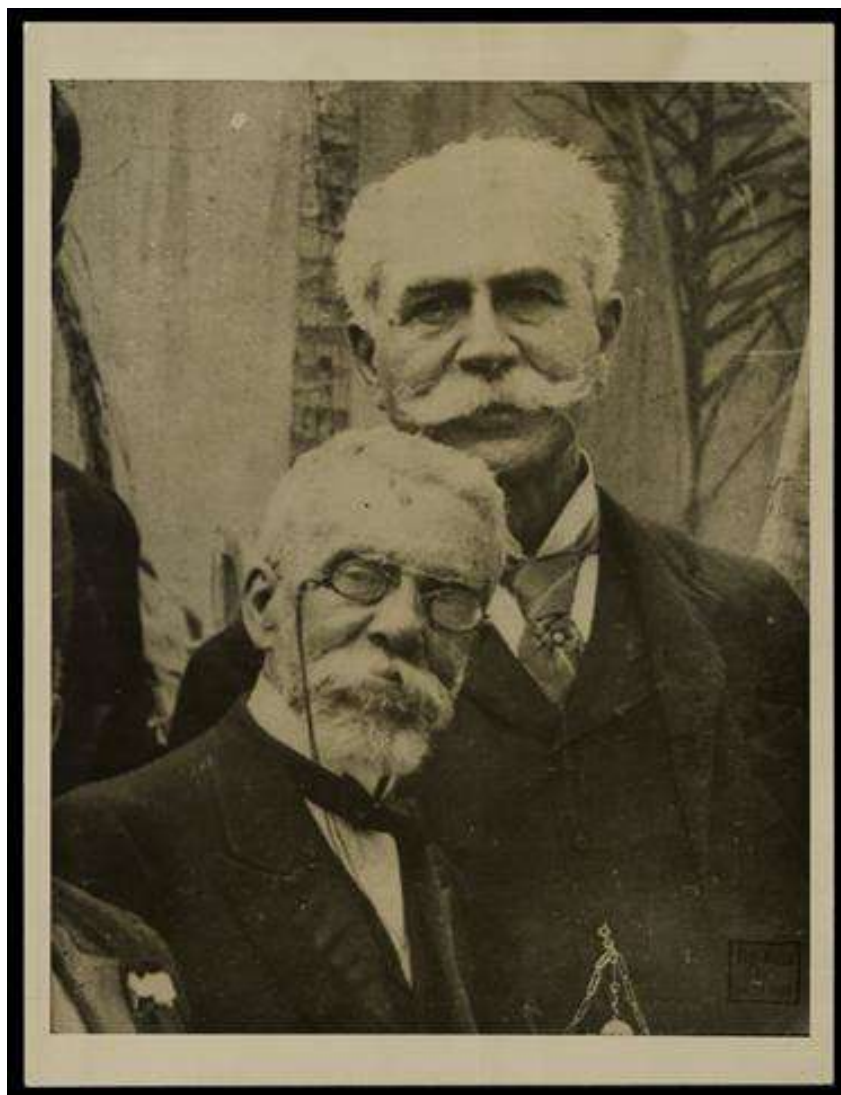
- Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)
- Quincas Borba (1891)
- Dom Casmurro (1899)
- Esaú e Jacó (1904)

Em 1904, com a perda da sua esposa e companheira de 35 anos, Carolina, que também o ajudava na revisão de suas obras, além de ser sua enfermeira, pois Machado tinha crises epiléticas, sua saúde degringolou ainda mais, culminando com a sua morte em 29 de setembro de 1908, vítima de câncer.

Muitos são os artistas influenciados por “Machadinho” (apelido carinho em seu círculo de amigos e admiradores): de Olavo Bilac a Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto a Moacir Scliar, Cyro dos Anjos a Gustavo Corsão, Nélida Piñon a John Barth e Donald Barthelme.

Wood Allen disse, certa vez, que “Memórias Póstumas de Brás Cubas” estava no rol dos 5 livros mais importantes para a sua carreira de cineasta e escritor.

O “Bruxo do Cosme Velho” continua mais vivo do que nunca.



Brasil de luto por Machado de Assis

29/09 – O Brasil perdeu seu mais ilustre homem de letras. Machado de Assis morreu em sua casa, no bairro do Cosme Velho, às 3h45. Ele nasceu pobre e foi no seio da pobreza que se criou. A *struggle for life* fez dele o autor de obras-primas como *Dom Casmurro* e *Brás Cubas*. Dotado de um invejável talento, de uma vasta erudição e de um espírito observador, Machado de Assis não tardou a revelar-se o escritor primoroso, cuja morte acaba de trazer dor e luto a todo o país. O fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras estava deprimido desde a morte da mulher, Carolina, há três anos, e praticamente não saía de casa. Segundo depoimento de amigos, desde a morte da esposa ele não vivia mais; morria aos poucos.



Ilustres nomes das letras brasileiras acompanharam o funeral de Machado de Assis

a Revista Bulunga tem a ousadia de realizar uma

ENTREVISTA COM UM MENDIGO

Depois da polêmica envolvendo o mendigo Givaldo e a esposa de um personal trainner, que resolveu descarregar a sua tensão dentro do carro do casal, alegando que imaginou que estava fazendo sexo com Deus, a revista Bulunga resolveu entrevistar um mendigo qualquer, que estava deitado em um papelão debaixo de um viaduto no centro de Belo Horizonte.

BULUNGA - Você já ouviu falar do “mendigo sexy”?

MENDIGO - Sabia que você começaria com essa pergunta... Sim, isso foi muito comentado, inclusive entre os mendigos. O cara que pegou a mulher do personal...

BULUNGA - O que você faria se aparecesse um mulherão daquele para você?

MENDIGO - Eu correria.

BULUNGA - Por quê?

MENDIGO - Onde já se viu uma mulher assim querer alguma coisa com um mendigo? Confusão na certa.

BULUNGA – Ele tomou uma surra legal, mas virou até influenciador digital.

MENDIGO – Isso aconteceu porque a sociedade cultua o grotesco. O cara não criou nada, não produziu nada, não tem ideias relevantes, não tem soluções para o mundo, não tem nenhuma qualidade que justifique ser alçado ao plano de celebridade do momento. Como não tem conteúdo, amanhã desaparecerá, como a maioria desses personagens criados pela mídia.

BULUNGA - O que leva uma pessoa a virar um mendigo?

MENDIGO – Desapego.

BULUNGA - Desapego? Explique melhor.

MENDIGO - Você pode ser o que quiser na vida: médico, advogado, engenheiro, astronauta. Ter uma boa casa, bons carros na garagem, viagens, status. Mas você vai sempre querer mais, por mais bem-sucedido que seja. Vira uma espécie de vício. E precisará disputar palmo a palmo todas as suas conquistas, tendo que, muitas vezes, derrubar os invejosos e concorrentes, de uma forma nem sempre ética ou moral. E isso poderá trazer consequências desagradáveis.

BULUNGA - Estou vendo que você se expressa



bem. O que você chegou a estudar?

MENDIGO - Fiz faculdade. Filosofia. Mas resolvi largar tudo.

BULUNGA – Qual a razão? Alguma desilusão amorosa? Drogas?

MENDIGO - Nada disso: apenas passei a discordar dos mecanismos da sociedade.

BULUNGA - Mas os mendigos vivem dos restos dessa sociedade...

MENDIGO – Os restos sempre existirão e estarão sempre disponíveis para homens e ratos...

BULUNGA – E por isso vocês acabam sendo alvo do desprezo...

MENDIGO – O desprezo vem da percepção da nossa expressão de liberdade. Isso irrita muito aos que vivem aprisionados em suas rotinas. Não nos matamos para pagar contas. Não cedemos a casamentos por conveniência. Não nos torturamos em empregos horríveis. Não bajulamos chefes e clientes.

BULUNGA – Mas nem todos precisam fazer assim...

MENDIGO – Certamente: existem exceções. Mas os que verdadeiramente fazem parte dessa exceção não se incomodam com os mendigos.

BULUNGA – Essa sua visão de vida não teria sido afetada por influência desses filósofos mais pessimistas?

MENDIGO – A visão de determinados filósofos pode até parecer pessimista, mas muito pior do que isso é ler ou assistir os noticiários dos jornais.

BULUNGA – Você há de concordar que não é bonito ver mendigos espalhados pelas ruas dos grandes centros urbanos, morando embaixo de pontes, dormindo em bancos das praças, fazendo suas necessidades pelos cantos...

MENDIGO - Na verdade, os mendigos são invisíveis. Quando começam a ser notados é porque o desequilíbrio tomou conta da sociedade.

BULUNGA - Você falou em “desapego”, mas isto não seria um ato de covardia?

MENDIGO – O que há de heroísmo em se levar uma vida infeliz?

BULUNGA – Mas nem todos são infelizes. Ou nem

todos os mendigos são felizes.

MENDIGO – Você está certo disso? Por que tantas pessoas bem-sucedidas se drogam e se matam? Por excesso de felicidade?

BULUNGA – Nem todos fazem isso...

MENDIGO – Assim como nem todos viram mendigos. Você já ficou sabendo de um só caso de algum mendigo que se matou? Certamente que não. Nós nos tornamos fortes. Resistentes. Não temos nada a perder. O apego às coisas materiais é que enlouquece as pessoas. Durante a pandemia, você viu algum mendigo morrer da doença, mesmo sem usar máscara, usar álcool em gel, lavar as mãos que nem malucos ou tomar vacinas?

BULUNGA – Na verdade, não... Mas vocês dependem da ajuda das pessoas.

MENDIGO – As pessoas gostam de parecer solidárias. Atribuem a isso um sentimento cristão. Ficam felizes com isso. Graças aos mendigos. Se não fôssemos nós, não teria como parecerem caridosas.

BULUNGA – Você se acha livre?

MENDIGO – Ninguém é totalmente livre. Posso dormir onde quiser, posso sair pelo mundo, mas não posso entrar em determinados lugares. Ainda assim, se me perguntar se quero trocar de lado com você, não aceito. O mendigo não se abala por nada. Não tem o que perder.

BULUNGA – E como fica a questão da dignidade?

MENDIGO – Dignidade? Você pode ser a pessoa mais digna do mundo, mas se destruírem sua reputação, será apedrejado pela sociedade. A dignidade não é sua: depende da percepção dos outros.

BULUNGA – Nem precisa tanto: um ladrão pode ser alçado à condição de salvador da pátria...

MENDIGO – Está começando a entender o mecanismo das coisas...

BULUNGA – Nunca é tarde.

MENDIGO – É o que digo: posso não ser totalmente feliz, mas sou bem mais feliz do que aqueles que firmam suas convicções em castelos de areia.

BULUNGA – Entendi... e isso é chocante. Você não teria um cantinho aí nesse papelão?

MENDIGO – Chega mais...

STÁLIN E O PHOTOSHOP

por Guido Malaparte



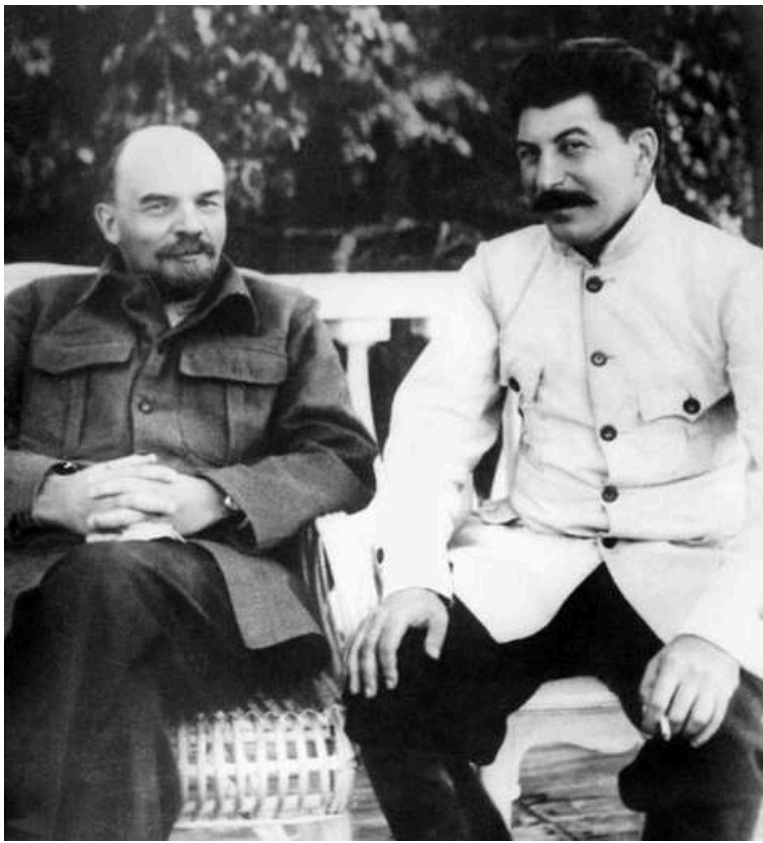
Cada dia mais as pessoas aparentam ser o que não são, ou querem ser o que não são, e poucas são aquelas que são o que são e não querem ser o que não são... deu para entender? Na verdade, são tantas artimanhas para se mudar o físico ou a alma, já que o espírito é impossível, que as clínicas plásticas, os consultórios psicológicos, academias, clubes de tiros, paraglider e ufológicos se espalharam como erva daninha, tudo para atender aos caprichos, doenças e exotismos das pessoas; bastaria dar a elas uma enxada ou um tanque de roupas sujas que o resultado seria infinitamente melhor.

Existe ainda um ofício virtual, o Photoshop (software famoso e que deu nome à arte de transformar imagens), onde os menos dotados financeiramente, que não passam por bisturis, terapias e esportes “adrenalínicos”, utilizam-se para, ao menos nas redes sociais, cobrir pequenos ou grandes defeitos com retoques ou melhorias. Assim, aquele nariz semelhante a batata cozida e amassada se torna longilíneo e delicado; outro aquilino, perde curvas e tamanho desproporcional. Abdomens dilatados viram “tanquinhos”. Seios mirrados, apresentam-se voluptuosos. Rugas, estrias, manchas, cravos e espi-

espinhas são sistematicamente extraídos, e a feiura se faz beldade, o raquítico vira sarado, a mocoronga torna-se socialite, e parece, ao menos na web, não haver feios e enfeitados.

Há, contudo, aqueles, ou aquelas, cuja estranheza ou “coioice” são virtudes, devem ser elogiadas e açuladas, e tratam logo de piorar o que já é, por si só, um desastre. São cabelos e penteados iguais a antenas parabólicas, sugestivos de estarem recebendo ou enviando mensagens radiofônicas; outros, assemelham-se a trincheiras (alguns parecem mesmo terra arrasada em tempos de guerra), há ainda perucas, argolas, piercings, tatoos e miçangas a “enfeitar” o nada regalado visual.

Mas, não quero me valer das trivialidades e escolhas alheias, pois poucos são capazes de compreender e apreciar a simetria estética, como eu. Quero antes falar do precursor no campo do arremate, a técnica de acabamento esmerada, falo do artífice sanguinolento, do gênio finório de Josep Stálin, sim, ele mesmo. Não vou entrar na história pregressa deste ícone do absolutismo cesarista, o único e insuperável “czar vermelho”, capaz de fazer o próprio César parecer um garotinho de recados...



Stálin mandou forjar centenas de pinturas e fotos ao lado de Lenin; uma intimidade forçada de legítimo sucessor



Nikolai Yezhov, morto por Stálin em 1940, desapareceu da foto oficial

não, não vou entrar nessa. Entrementes, ninguém pode levantar qualquer suspeita quanto à sua relevância e pioneirismo na edição de imagens. Ou você não sabia que ele foi o primeiro a alterar fotos e filmes? Por estar muito à frente do seu tempo, Stálin mandava remover pessoas mortas e malquistas. Se havia ao seu lado um assessor morto (provavelmente executado ou esquecido nos Gulags), este era retirado. Se a fotografia tinha um sobrinho, cunhado ou adversário político que passou desta para o além, era sumariamente extraído, e não apenas deste mundo. Estima-se que ele expurgou (nome empolado para “limpeza” e higienização política, mas no caso significava prisão e morte) cerca de 800.000 pessoas, representando um trabalho incessante aos “photoshoppers” da época.

Se ele não contribuiu em nada para a humanidade, como sátrapa e sicário, devemos-lhe o “avant-garde” da dissimulação e “ocultismo”. E seus métodos foram tão apreciados, especialmente em nossos dias, que as várias mídias especializaram-se nesta “arte”, do New York Times à Folha de São Paulo, do Globo ao Estado de Minas, da Veja à CNN, e por aí afora...

Então, quando você engrossar os lábios, afinar o nariz, empinar o bumbum, retirar os pneus e mexericas da silhueta “tanquinho”, ou ver aquela foto de uma multidão com bandeiras vermelhas, lembre-se que esta magia somente foi possível porque, nos idos de 1920, havia o vanguardista russo capaz de apagar quaisquer rastros indesejados... Só não teve quem deletasse os seus...



Famoso por seus “expurgos”, fotos e pinturas originais foram reduzindo-se apenas a Stálin, à medida que colaboradores, parentes e oponentes sumiam.

OSCARITO



Em nome do humor apelativo, vulgar e lascivo dos tempos atuais, a maioria sequer ouviu falar, quanto mais assistiu às performances histriônicas, debochadas e ingênuas (jamais inocentes, diga-se) do gênio da comédia brasileira, Oscarito.

Comparado a Chaplin e Cantinflas, tinha um pouco de Harpo Marx, Danny Kaye e Stan Laurel. Segundo ele, suas maiores influências foram o tio Juan Cardona, Pablo Palitos, e o comediante Mesquitinha, que, apesar do estilo “cool”, ensinou-lhe muito do que viria a usar nos tabladros.

Juntamente com Mazzaropi e Grande Otelo, formou a tríade dos maiores humoristas do cinema brasileiro de todos os tempos.

Nasceu em 16/08/1906, em Málaga, Espanha, e se chamava Oscar Lorenzo Jacinto de la Inmaculada Concepción Teresa Díaz, filho de um alemão e uma portuguesa. Os pais vinham de linhagens tradicionais da arte circense, cuja origem datava-se havia mais de 400 anos, e foi no circo que Oscarito aprendeu praticamente todos os “segredos” do palco.

Ator, palhaço, cantor, trapezista, músico, malabarista, comediante, entre outras coisas, aprendeu e aperfeiçoou-se nessas várias for-

mas de ofício, sendo inclusive ótimo violinista.

A família mudou-se para o Brasil quando ele tinha pouco mais de um ano de vida; por isso, ele nunca se considerou espanhol, mas um verdadeiro e típico “malandro carioca”.

Naturalizou-se brasileiro em 1949. O auge da carreira se deu nas décadas de 1930 e 1940, quando rivalizava nos cinemas com Chaplin, O Gordo e o Magro, Cantinflas e Os Três Patetas, ícones mundiais da comédia. Seus filmes atraíam multidões, e levou diversão e entretenimento por mais de 40 anos.

Começou no circo aos 5 anos, e migrou para o teatro de revista no início dos anos 1930, com a peça “Calma, Gegê” (sátira a Getúlio Vargas, que viria a se tornar seu amigo), alcançando estrondoso sucesso de público e crítica. Em 1933 excursionou em Portugal com a companhia de Jardel Jércolis, e o êxito foi imediato. A cada espetáculo, sua fama aumentava, e não chegou a surpreender o seu ingresso no cinema, onde fez sua primeira figuração em “A Voz do Carnaval”, da Cinédia, com direção de Adhemar Gonzaga e Humberto Mauro; um ano depois, em outubro, casou-se com a atriz



Margot Louro, que além de esposa tornou-se sua parceira artística. Ele fazia o cômico, ela a ingênua e, mais tarde, a esposa repressiva. Tiveram um casal de filhos Myrian e José Carlos.

O primeiro papel de destaque, longe das figurações e rápidas aparições na tela, deu-se em 1939, como chefe da campanha publicitária a favor da banana, na paródia “Banana da Terra”, da Sonofilmes, onde o Brasil é retratado como a “ilha de Bananolândia”, com argumento de João de Barro e Mário Lago, e direção de Rui Costa. Nesse filme, consagrou-se o samba “O Que é Que a Baiana Tem?”, de Dorival Caymmi, com a interpretação característica de Carmem Miranda: efusiva e pitoresca. Foi na Atlântida que teve o seu “boom” cinematográfico, sendo o carro-chefe da com-



Algo notável, e até certo ponto inexplicável, foi recusar-se a trabalhar em Hollywood, e rejeitar várias propostas, muitas delas intermediadas pela amiga Carmen Miranda, que era celebridade e detinha muito prestígio em terras americanas.

Em 1968 aposentou-se do cinema, mas fazia excursões pelo país, alcançando sucesso de público, prêmios, e manteve intocada a fama de “o mestre do humor”, mesmo com a concorrência de novos comediantes: Ronald Golias, Jô Soares, Agildo Ribeiro, Chico Anísio, Brandão Filho, entre outros.

Faleceu em 1970 aos 64 anos, vítima de AVC, no Rio de Janeiro, cidade que amou tanto quanto a sua carreira. Meses antes, em entrevista, disse a respeito das suas conquistas: “Eu realmente trabalhei muito. Eu dormia no estúdio para poder às 6 da manhã estar de pé, para dar tempo de tomar banho, tomar café. De uma fita para outra eu fazia teatro e, quando eu não fazia cinema, eu viajava por aí, fazendo show.”



panhia, e lá firmou-se a parceria “Oscarito e Grande Otelo”, imortalizada em dezenas de filmes seminais.

É desse período algumas das cenas mais hilariantes e inestimáveis de Oscarito, quando, por exemplo, imita Elvis Presley, ao lado de Sonia Mamede, em “De Vento em Popa”, de 1957, e a cena incrível e memorável do espelho com Eva Todor, em “Os Dois Ladrões”, de 1960, ambas dirigidas por Carlos Manga.

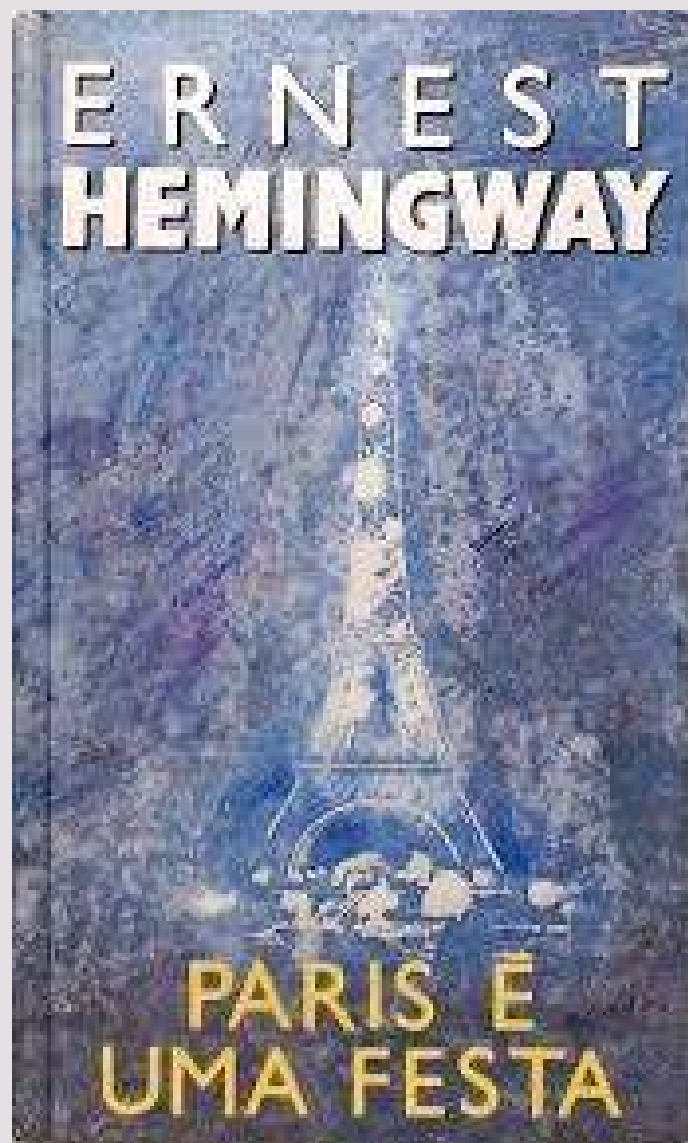


Sobre ele, o poeta Carlos Drummond de Andrade disse:

“O cômico, um enigma. Oscarito era sério e agora faz chorar seus amigos diletos. Se vive acaso numa estrela, está rindo dessa combinação de contrastes secretos.”

Com ele, certamente, morreu boa parte do humor e graça espontâneos, que seriam substituídos pela megalomania ou a ambição desmedida dos “cômicos” de hoje. E assim, morreu, também, um pouco de nós.

PAPO-CABEÇA



Jorge F. Isah

Este é um livro nostálgico, por dois motivos: o primeiro, havia muito que não lia nada do autor, sempre foi um dos meus prediletos na adolescência, e, se não me equivoco, o último foi por volta dos 23 anos: O Velho e o Mar. Apesar de ser uma novela e quase basicamente relatar a “vitória dos caçadores”, a sensação atual é de não ter gostado dele à época, sem saber muito bem o porquê, deixando-me o desejo de revisitá-lo novamente.

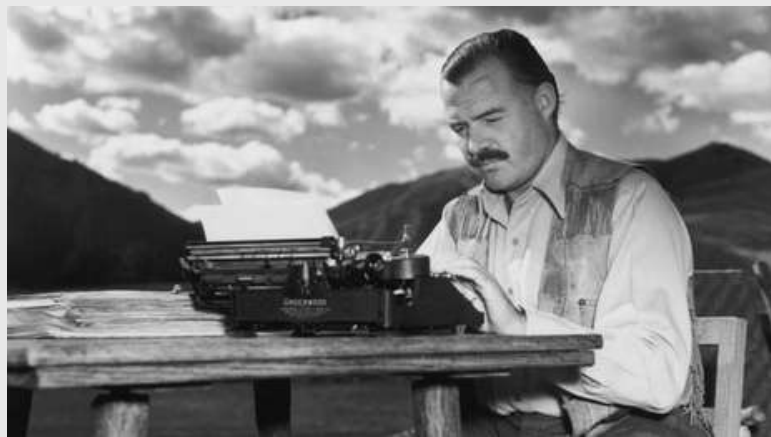
Segundo, já na primeira página sou arrebatado pela escrita fluída e memorialista de Hemingway, levando-me à compulsão de concluir a leitura em 3 dias (o que me fez lembrar da paixão jovial pelo seu estilo límpido e enxuto). E a nostalgia em que teceu as peripécias na Paris dos anos 1920 são feitas de maneira delicada, porém direta, como é o seu feitio. É um livro crepuscular, não no sentido da escrita, mas do autor, às portas de completar 60 anos e mais interessado ou conectado ao passado do que ao presente, a se lhe afigurar distendido da alma, um tanto corrosiva e melancólica. Muitos afirmam ter ele perdido a genialidade após os anos 30, e de lá até a sua morte escrever obras apenas medianas, sem a

criatividade e engenho das anteriores. Apesar de ser um livro longo, meio distante dos padrões “hernestonianos”, Por quem os Sinos Dobram desmente completamente essa insinuação, pois parece-me o título mais próximo de uma obra-prima que algo possa chegar, e escrito no final dos anos 1930.

Alguns apontam Paris é uma Festa como um livro de memórias. Outros, crônicas. Ainda outros, ficção. Para mim, é um livro indefinível pois todos os elementos dos três estilos encontram-se presentes. Não exclusivamente memorialista, ainda que seja. Nem ficcional, ainda que também o seja. Muito menos cronista, sem deixar de sê-lo. Há um pouco de tudo e, talvez esse seja um dos atrativos da publicação. Outro chamariz é o fato dele tratar de literatura, seja no trabalho, na vida da famosa “geração perdida” (título que Ernest detestava por considerá-lo reducionista e injusto), ou em discussões sobre autores do passado (no caso dele, não tão no passado), como Tostói, Tchekhov, Turgueniev, Dostoiévski entre outros. Portanto, é um livro sobre literatura, sobre

literatos; um prato cheio, ao menos, para mim.

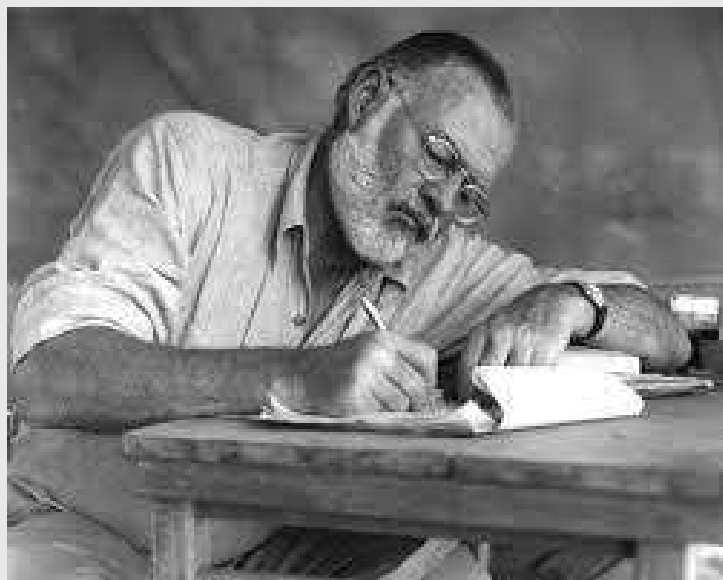
Hemingway descreve os loucos anos 20, estabelecendo-se juntamente com a esposa, Hadley, e o filho pequeno na Cidade Luz. Vive basicamente de contos publicados em revistas alemãs, levando uma vida quase miserável. Existe o charme e o glamour da cidade, mas ele precisava colocar comida à mesa; e mesmo tendo o seu gênio reconhecido, não era suficiente para garantir sempre o sustento familiar. Ele cita a proprietária de uma livraria, Sylvia Beach, que além de fornecer-lhe gratuitamente livros para leitura, fazia-lhe também empréstimos (pode-se dizer, doações) nos momentos mais difíceis e duros financeiramente, como um dos seus anjos de guarda. Sem ela, certamente a sua estadia em Paris seria abreviada ou, no mínimo, mais desafortunada. Travou-se uma amizade a garantiu-lhe o prazer da leitura e a



subsistência familiar. E aí temos algo interessante: como a Providência garantiu-lhe meios de viver apenas da literatura ou, se pode dizer, dedicar-se integralmente a ela até que os frutos pudessem ser colhidos.

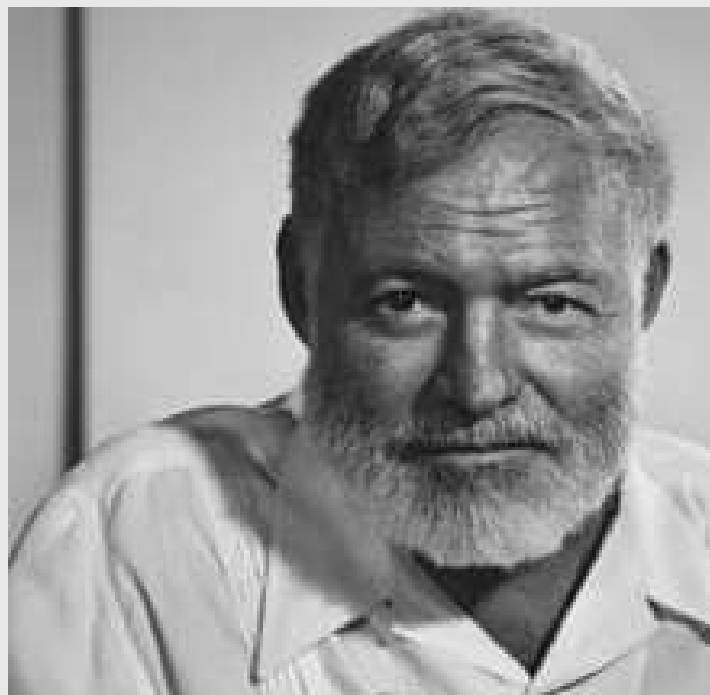
Nesse ínterim, travou conhecimento com vários nomes famosos e perenemente ilustres, cujas famas ultrapassaram gerações e conservam-se no ápice do monumento artístico: T. S. Eliot, James Joyce e Picasso, p. ex. Alguns, nem tanto, os quais eu nunca ouvira falar e descobri durante a leitura: Harold Stearns, Katherine Mansfield, Evan Shipman, Pascin e outros que são apenas citados ou têm descrições a partir de impressões iniciais do autor; poucos como Madox Ford e Ralph Dunning receberam mais do que citações.

Entrementes, três do seu círculo particular, Gertrude Stein, Ezra Pound e Scott Fitzgerald (este considerado por Hemingway seu grande amigo) ganharam ares de protagonistas ainda que a literatura seja, a meu ver, a grande personagem do livro; nem mesmo Hem é páreo a ela. Não serei estraga prazeres a descrever as impressões e análises sobre o temperamento, comportamento e o relacionamento deles com Hemingway; a leitura se encarregará de satisfazer a curiosidade do leitor. Posso, contudo, assegurar que são análises e descrições a cativar até mesmo aquele pouco afeito a desbravar as qualidades e defeitos de escritores renomados, ou seja, o caráter humano para além ou aquém do bem e do mal. Ele gasta boa parte



do terço final em detalhar a sua amizade com Scott Fitzgerald e a relação tempestuosa e destrutiva dele com a sua esposa Zelda, segundo Hemingway uma bêbada enciumada com o talento e sucesso de Francis, e que deliberadamente se esforçava em afastá-lo da sua vocação: diariamente o arrastava para festas e badalações intermináveis, noite após noite, em seus acessos frívolos e levianos. Ao mesmo tempo em que critica com acidez algumas personalidades, descreve outras com compaixão, carinho e gratidão, com aquele espírito “ másculo”, meio seco, meio vigoroso, as vezes burlesco, quase obrigatório, sem deixar contudo as entrelinhas falarem por si.

Realmente, como já disse, o livro foi uma grata surpresa. O estilo franco, sincero, faz-se presente, mas é possível vislumbrar uma sensibilidade quase emotiva, em alguns momentos quase calorosa, perto de um quebrantamento. Sim, Paris é uma Festa, mas para Hem, entre foguetório, egos inflados e vozerio, existe apenas barulho e nada mais; como outro escritor genial descreveu: é “muito barulho por nada”!



Diário de um Confinamento

crônicas de Michel Salomão

capítulo 19

A Velha Fumanchu morreu. Foi o que disse o porteiro do prédio. Não sei se é verdade. Velhas como aquela costumam durar uma eternidade, para o desespero dos genros. Conheço o caso de uma que enterrou cinco, todos vivos. Essa era mesmo perigosa, mas nem todas as sogras são assim. A minha era muito gente boa, e morreu com 93 anos. Ela teve Alzheimer: depois de um tempo voltou a ser criança. Ria das coisas mais inocentes, coisas que nem a doença conseguiu apagar. Às vezes é bom esquecer o passado. E também é bom não pensar no futuro. Penso que daqui a dez anos estarei bem velho e nem queira me lembrar de determinadas coisas. Em mais dez anos, talvez nem esteja mais aqui. Não importa. Fiz a minha parte. Os netos vão rir das minhas fotos. Talvez os meus escritos façam sucesso nas próximas gerações, mas o que importa, se não aproveitei a fama em vida? Vão se lascar. Agora levarei os meus cachorros para fazerem os seus defecos na rua, e assim encerrarei a minha missão do dia.

A Velha Fumanchu não morreu. Alarme falso. Eu a vi na rua hoje pela manhã. Havia uma forte neblina, e de longe, por instantes, pensei que fosse um fantasma, mas era ela, sempre conduzida pelo seu cachorrinho irritante. No austo, a cumprimentei quando passou por mim, e ela abanou a cabeça, um tanto encabulada. Minha expressão de medo devia estar muito evidente, e assim procurei conversar com minhas cachorrinhas, para disfarçar. Um homem do meu tamanho com medo de fantasmas: lamentável! Ela nem era uma fantasma. Ou era, não posso afirmar, pois não toquei nela para ter a certeza. Devia ter feito isso, mas se a minha mão atravessasse o seu corpo eu teria um infarto ali mesmo. Mas da próxima vez que a vir farei isso. Não conseguirei conviver com essa dúvida.

capítulo 20

capítulo 21

Cinco anos sem sair de casa. Enormes teias de aranhas se formaram nos vãos das portas. Quando o estoque de comida acabou, cheguei a pensar que seria o fim, mas acabei me dando conta de que após o fim vem o recomeço, pois a vida é um ciclo infinito, onde se destrói para depois se reconstruir. Foi muito estranho me acostumar com isso, principalmente quando me lembrava das noites com os amigos no Xurupa's Bar, naqueles momento em que nos divertíamos falando sobre os defeitos uns dos outros, o que funcionava como uma espécie de catarse, uma espécie de perdão para os nossos pecados. Ao contrário das mulheres, com seus hábitos elogiosos quando mal conseguem se conter de inveja umas das outras, os homens que se depreciam, tornam-se os melhores amigos. Durante um tempo, continuamos nos reunindo por videoconferência, cada qual exibindo suas cervejas geladas em suas próprias casas, mas com o passar dos dias e dos meses a coisa foi perdendo a graça, até que acabou. Melhor assim. Sobrava tempo para não se fazer nada.

O AGENTE NICK

por James Blonde

Depois de muito pesquisar na internet, Nick comprou um radiocomunicador. Mas não tinha com quem falar. Alimentava a esperança de um dia receber o contato de emissários do governo, para alguma importante missão, mas o tempo foi passando e nada aconteceu, e assim acabou abandonando o aparelho no aparador da sala, ao redor do qual ficou depositada uma tênue camada de poeira, até que uma ocasional diarista mais dedicada resolveu passar um pano umedecido com algumas gotas de lavanda, destruindo quaisquer vestígios do esquecimento.

Isso coincidiu com o episódio em que conheceu a menina da padaria, e assim forneceu a ela o aparelho com o qual fazia par e passou a se comunicar de tempos em tempos, da janela de seu apartamento, mas ainda assim havia alguma interferência, visto que o seu prédio ficava na rua perpendicular à orla.

Camila era o nome de sua namorada, se é que poderia ser chamada assim, pois não estabeleceram qualquer compromisso desde o primeiro contato, mas apenas se encontravam, quando ele abria a porta e ela entrava, muitas vezes sem a esperada formalidade de um “oi”, de um aceno de mão ou de cabeça. Ela ia para o seu quarto, sentava-se em sua cama e assim ficava durante vários minutos ou horas, vez ou outra conferindo alguma notícia no smartphone, até que em determinado momento ambos ficavam nus e executavam o ato sem promessas ou remorsos, mas da mesma forma que fariam os animais acaso de aproximassem uns dos outros.

Ela tinha algum problema que não dava para identificar imediatamente. Diriam que era tímida, mas era mais do que isso: Nick não sabia que, de tempos em tempos, ela



tinha surtos, e que precisava ser internada em uma clínica que ficava em Teresópolis. Em sua última manifestação, tentou arrancar o próprio olho, mas os seus pais conseguiram imobilizá-la a tempo. Andava encolhida, meio curvada, usava roupas muito largas e os cabelos negros e compridos pareciam não ser frequentemente lavados e jamais penteados. Mas ao desnudar-se, nas tardes quentes em que visitava o rapaz, era que vinha a surpresa, quando revelava um corpo estonteante, capaz de humilhar a mais fabulosa modelo internacional, mas ela não tinha a consciência disso. Tirando as cicatrizes no pulso, resultado de tentativas de evadir-se prematuramente dessa vida, não havia manchas ou marcas em sua pele branca e macia, com as carnes jovens e firmes. Mas para Nick aquilo era natural, pois não tinha como comparar, considerando que era a primeira e única experiência com mulher em sua vida.

Estranhamente, não saíam juntos, e apenas se encontravam no apartamento, onde permaneciam horas mexendo cada um em seu telefone móvel, quando paravam para preparar algum alimento ou fazer amor, um amor que não era bem amor, mas o cumprimento de uma tarefa biológica a qual não tinham bem noção da finalidade, mas qe servia para dar uma nova tonalidade à solidão de ambos. E o tom seria amarelo, não cinza, da forma como procurou fantasiar a indústria de Hollywood. Um amarelo ralo, sem graça, sem sentido ou emoção, uma coisa de doidos que não medem as consequências ou tem noção do perigo, o que normalmente faz com que os casais se apeguem ou se rejeitem, deixando traços indeléveis de amargura e arrependimento na velhice, mas que para eles representaria o simples esquecimento, pois talvez nem se lembrassem um do outro, passados alguns anos.



A MULHER DO



JB passou em frente ao portão e viu um cãozinho se refestelar no gramado ralo e queimado do número 171. Achou aquilo estranho, pois sabia que a moradora não era dada a mimos com qualquer ser vivo, fossem animal ou vegetal, e nutria mesmo certo desprezo e aversão a eles. Então, por que raios aquele bichinho estava ali?... Abriu a tranca, entrou no corredor e o cãozinho foi em sua direção, saltitante e brincalhão, numa festa desmedida. Abaixou-se, acariciou o pelo liso e denso, e deu-lhe a mão para lambar. Ficou assim um tempo, admirado da afetuosidade e mansidão, das lambidas e nenhum temor do animalzinho. Nisto, a porta da casa se abriu, em houve uma súbita incursão:

- Para com isso, menino! Desse jeito você estraga o cão!

- Bom dia, dona... – JB disse, provocando-a com um sorriso.

- Ora, deixa de frescuras!... Esses jovens... Não sei o que será deste mundo com tanto afrescalhamento.

- Que cãozinho bonitinho... Qual o nome dele?

- E bicho lá tem nome?!... Eu o chamo de cão, nada mais. Não quero intimidade.

Qual a razão de se ter um, pensou, se não é para se ter convívio ou alguma conexão?.

- Foi uma amiga que me deu... Não sei o que fazer com ele... Fica aí atrás de mim o dia todo. Já pisei um monte de vezes nele, não estou acostumada a companhia, ainda mais a de um carrapato... – Soltou um riso indigesto, a careta de cólica ou espasmo.

- Ele é tão mansinho... e tão pequeno... Sabe que pode fugir por entre as grades do portão, né?

- Se for, já vai tarde!... É cada uma que me acontece... Qual a serventia dessa “coisa”? Comer, beber, vacinas, sujar a casa e largar o fedor por todos os lados...

- Mas ele pode ser uma ótima companhia. – Tentou amenizar.

- E eu preciso de companhia, menino? – Censurou a mulher.

JB entendeu que era hora de partir. Quando a excitação da mulher atingia o nível de fervor compulsivo, o melhor era dar no pé, enquanto ainda estava ileso.

- Bem, vou indo. Estou atrasado para o trabalho... Fica com Deus!

Ela não respondeu. Olhou-o ganhar a calçada, enquanto o cão o perseguia com seus passos agitados e curtos, parando diante do portão. Então, voltou-se, abanando o rabinho peludo, e correu a mesma corrida em direção à dona. Mas esta entrou em casa e fechou a porta.

Uma semana depois, JB encontrou-se com a vizinha. Ela varria a calçada. Olhou, e não viu o cãozinho por perto.

- Bom dia!

PARTE II

- Ah, é você... – disse, negligente.

- Cadê o cão? – Não quis contrariá-la, e preferiu chamá-lo pela alcunha que ela lhe dera.

- Deixei no veterinário.

- E quando ele voltará? É que comprei um brinquedinho para ele.

- Ele não volta...

- Como não volta?

- Não vou buscá-lo... Não tenho tempo nem paciência para essas coisas.

J.B ficou perplexo; e, diante dos detalhes, contados com a frieza de um celerado, o estarrecimento transformou-se em raiva e desgosto. Não nessa ordem, mas se misturando numa rapidez alucinante. Ela escolheu uma clínica bem distante de casa, onde não fosse conhecida, e deixou o bichinho para banho, tosa, e higiene geral. Deu endereço falso, número de telefone falso, nome falso, e tudo o mais que pudesse encobrir a verdade dos seus sentimentos, e escondê-la de qualquer possibilidade de devolução do “pacote”.

- Por que fez isso?... Poderia tê-lo oferecido para alguém... eu mesmo ficaria com ele...

- Quis algo definitivo, sem a menor possibilidade de dar para trás. É assim que faço as coisas, sem margem de erro. Tudo com ponto final.

Ele pediu o endereço da clínica para resgatar o cãozinho. Ela se recusou. Tentou movê-la de todas as formas, mas nada. Por fim, depois de algum tempo e tantos “nãos”, disse, desgostoso:

- Não entendo...

- E o que tem para se entender?... O que está feito, está feito... E deixa de me aporrinhar, menino, porque tenho muita coisa para fazer... Vamos, vamos! – Moveu as mãos como a enxotá-lo, tal qual fizera com praticamente tudo em sua vida.

Ele saiu, o rabo entre as pernas... tal qual um vira-latas escorraçado.

LIBERTE SEU TALENTO

NO NÚCLEO DE ESTUDOS TEATRAIS - NET

José Márcio Corrêa, fundador do Núcleo de Estudos Teatrais, o NET, é um vencedor. Com 64 anos de idade, 42 desses foram dedicados a ministrar suas aulas no casarão histórico, de 1904, localizado na Rua Timbiras, nº 1605, esquina com Rua Bahia, no bairro de Lourdes. Mas tudo começou no Centro Social da Igreja da Boa Viagem, em 1980, em Belo Horizonte. Durante todo esse tempo, são muitas histórias para contar, milhares de “personagens” que passaram pelas salas de aula e pelos palcos do teatro anexo. Gente famosa como os atores globais Jackson Antunes e Daniel Oliveira, a apresentadora de TV e ex-Miss Brasil Natália Guimarães, os simpáticos cantores sertanejos César Menotti e Fabiano, entre



vários outros que, sempre que podem, vão visitar a escola para matar as saudades daqueles tempos em que as dificuldades eram muitas e só restavam os sonhos que nunca abandonam os artistas de verdade.

Não é tarefa das mais fáceis tirar de José Márcio as melhores pérolas, pois ele é tímido (apesar de virar um verdadeiro “monstro” no palco) e detesta contar vantagens. A luta que travou para criar, manter a escola e construir o seu teatro anexo é digna de um filme. Como quando conseguiu a doação de grossos carpetes usados de uma empresa, que usou para forrar todo o piso da escola, naquela época cheio de buracos por causa da ação do tempo e dos cupins. Ou quando tinha que se desdobrar quando faltava água ou luz, muitas vezes tendo que pedir a ajuda dos vizinhos, que sempre colaboravam, pois reconheciam o esforço daquele “menino”. Ou também quando tinha que se virar como bombeiro, eletricista, pedreiro e pintor de paredes, e também pintor de faixas com as propagandas da escola, que colava de madrugada pela cidade. Teve também o inesquecível episódio em que montou um “circo” no



terreno anexo, onde hoje funciona o teatro, cuja armação desabou logo na primeira chuva.

Mas depois veio a grande reforma, após o casarão ser tombado pelo patrimônio histórico, no ano 2000, e agora lá dentro é tudo novo e moderno, as salas confortáveis, além do teatro, que não é grande, podendo acomodar 140 pessoas, mas é extremamente aconchegante.

A pandemia trouxe grandes dificuldades para a escola, mas heroicamente conseguiu sobreviver e agora vê os resultados de sua boa fama com a grande procura de novos alunos e a reformulação da equipe, trazendo nomes de peso para ministrar suas aulas. E as sessões de seus espetáculos normalmente estão com a lotação esgotada.



Mas a melhor atração do local continua sendo o próprio José Márcio. Um de seus maiores sucessos, “Quem ri por último é retardado”, viajou por centenas de cidades do Brasil, chegando a ficar 25 anos em car-



suem, mas muitas não tem a consciência disso. Porém, muitos acabam pegando o gosto pela coisa e passam a exercer uma atividade paralela, e não é incomum encontrarmos médicos, dentistas, advogados, engenheiros, policiais, servidores públicos em geral, entre outros profissionais que trabalham como atores e atrizes nas horas vagas, e atribuem a isso a razão da sua redução dos níveis de estresse.

O fato é que a escola não prepara o aluno apenas para o teatro. O foco também é a televisão, o cinema e os vídeos da inter-

taz, e o visitante precisa tentar tirar dele algumas das situações mais hilárias que viveu nessas experiências.

Perguntado sobre o momento mais marcante que viveu em sua escola, ele se lembra do dia em que recebeu uma mulher muito distinta e sua filhinha, ambas de pele mais escura (não sabe se pode falar negra ou preta), e a menina, que sonhava em se matricular em um curso infantil, perguntou, toda humilde, se eles aceitavam gente da sua cor, ao que respondeu: “é claro que sim: aqui você será uma princesa”! E a menina teve uma passagem brilhante pela escola. Isso aconteceu logo nos primeiros anos de existência do NET, mas ele nunca conseguiu se esquecer do episódio.

Segundo ele, nem todas as pessoas que se matriculam em seus cursos querem realmente ser atores ou atrizes. Alguns querem é aprender a se expressar, pois com isso podem se desenvolver em diversas áreas como o Direito, o Jornalismo, a política, a música, ou mesmo para vencerem a timidez, e para isso nada melhor do que os exercícios ministrados durante as aulas, que visam, primeiramente, a desinibição, para depois despertarem sua criatividade, que todas as pessoas pos-



net, que exigem uma boa apresentação para o futuro “youtuber”. O NET iniciará o seu curso de férias em julho, mas também existem outros cursos com duração variada, para adultos, adolescentes e crianças, além do curso profissionalizante, com duração de dois anos e meio, e as inscrições podem ser feitas pelo whatsapp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site “www.teatrodonet.com.br”, ou diretamente na Secretaria da escola.





Na foto ao lado, José Márcio entrevista o saudoso e aclamado ator Paulo Aultran; na foto abaixo, com Jackson Antunes e amigos.



Na foto à esquerda, acima, alunos comemoram o final de mais uma etapa; na foto à direita, acima, José Márcio e o eterno Cabeção, de Malhação; abaixo, à esquerda, o ator Daniel de Oliveira; à direita, José Márcio em um momento mais descontraído, porque ninguém é de ferro...



O ESTIGMA DO PALHAÇO



It- A coisa

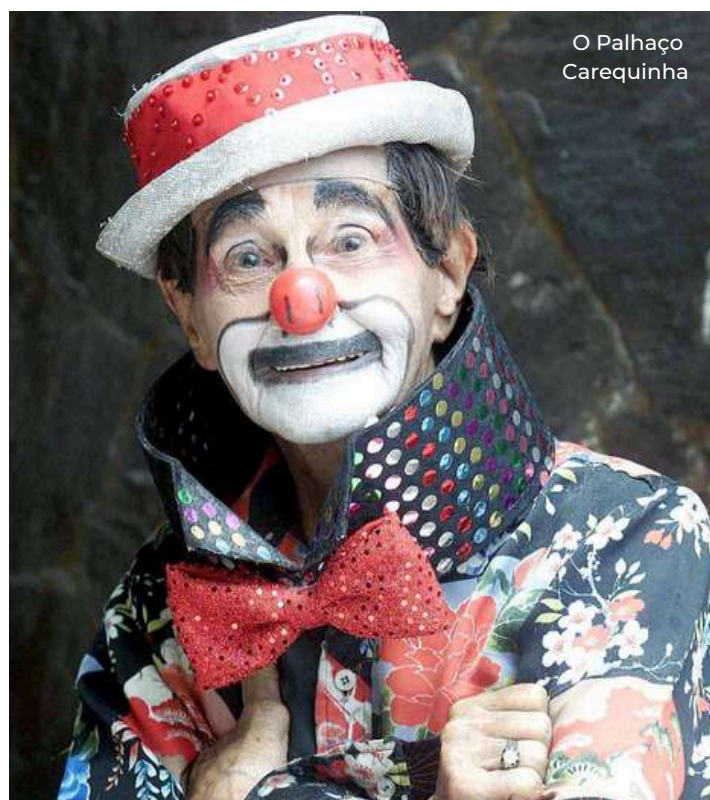
E o palhaço o que é? Ladrão de mulher"! Possivelmente, dessa famosa frase cantada nos carnavais nasceu o preconceito com relação a esse estigmatizado personagem, injustiçado ao longo dos tempos como sendo uma criatura maléfica, por causa de um episódio isolado envolvendo um comediante que teria se envolvido com uma mulher comprometida, porém entediada, em algum pequeno lugarejo, e que passou a ser perseguido implacavelmente pelo ex-companheiro ultrajado, mas o desajeitado personagem fugiu com a donzela na calada da noite e o caso foi parar nos principais noticiários locais.

O termo palhaço vem do italiano "paglia", exatamente porque o personagem vestia roupas grossas, listradas, feitas de colchões, e recebiam enchimentos de palha em determinadas partes, para se proteger das habituais quedas.

Dizem que a origem do palhaço remonta da commedia dell'arte italiana na Renascença, mas existem registros que mostram que pode ter vindo de muito antes, do Egito Antigo, da China ou do Tibet.

Tivemos muitos palhaços conhecidos, como o Carequinha, o Bozo e até mesmo o Ronald McDonald, mas esse último mais se assemelha com aqueles personagens de filmes de terror.

E por falar em terror, temos os filmes que mostram palhaços assassinos, como em "It - a Coisa", "Coringa", entre outros, o que justifica o medo que algumas crianças guardam com relação aos palhaços.



O Palhaço
Carequinha



Evandro Antunes

Mas nem todo palhaço precisa ter a cara pintada, cabelos coloridos, nariz vermelho de bolota e roupas bufantes. Temos o palhaço europeu, também conhecidos como "clown", que normalmente funciona em dupla, o "branco" e o "augusto", sendo o primeiro o espertalhão, também conhecido como "escada", e o segundo, o ingênuo, atrapalhado, que no final quase sempre leva a melhor, prevalecendo o bem sobre o mal.

Podemos citar alguns famosos exemplos como o Carlitos, de Charlie Chaplin, Harold Lloyd, Buster Keaton, O gordo e o Magro, Peter Sellers, Jacques Tati, os Três Patetas, os Irmãos Marx, Jerry Lewis,

Mazaropi, os Trapalhões, entre vários outros, que faziam as suas palhaçadas com a cara praticamente limpa.

O clown geralmente é triste, apaixonado, mas não correspondido, trabalhando ao mesmo tempo com o trágico e o cômico, e revela a estupidez humana e as mazelas da sociedade sem mesmo precisar falar.

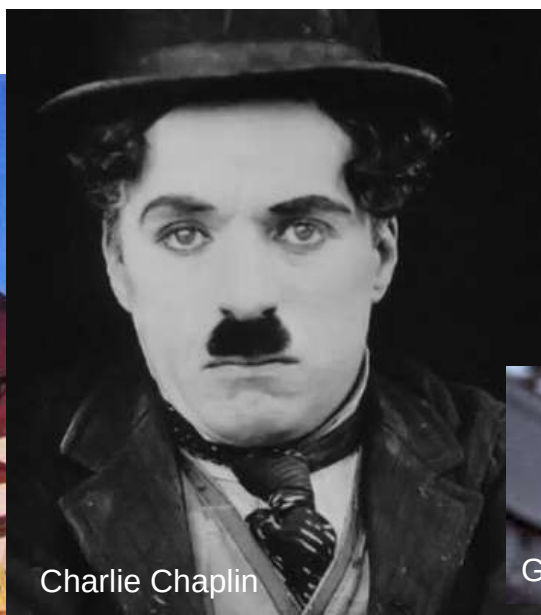
Nos tempos atuais, a figura do palhaço vem sendo substituída pelo comediante de stand-up, que faz da autodepreciação a melhor forma de conseguir a empatia do público, sem deixar de atacar as mazelas da sociedade e do poder vigente, ciente do perigo de ter sua cabeça decepada, assim como acontecia com os bobos da corte.



Alguns maravilhosos exemplos de "palhaços"



Os Trapalhões



Charlie Chaplin



Buster Keaton



Groucho Marx



Harold Lloyd



O Gordo e o Magro



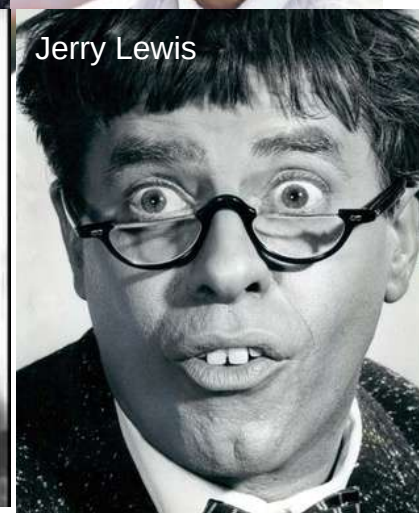
Peter Sellers



Jacques Tati



Mazaropi



Jerry Lewis



TÂNIA E O BORDEL

por Clodokill Fernandes

Califórnia, morreu a tiros em 1973.

Durante o cativeiro, Patty simpatizou-se com seus algozes (Síndrome de Estocolmo), mudou o nome para Tania (homenagem a uma das namoradas de Che Guevara), e participou de incursões criminosas, mais notadamente o assalto ao Hiberna Bank, em São Francisco, e ao SLA de Crocker National Bank, em Carmichael, quando a cliente, grávida, Myrna Opsahl, foi morta à queima-roupa por Emily Harris, enquanto fazia um depósito. Segundo relatos dos próprios integrantes do ESL (o símbolo era uma cobra de 7 cabeças), Harris afirmou ter matado a mulher por ela ser burguesa, branca, e apenas um efeito colateral. Por 19 meses, Hearst atuou disparando suas armas contra civis e policiais, até ser presa e condenada em 1975 (em 1979, Jimmy Carter - só podia ser ele -, comutou a pena, e Patty ganhou liberdade).

Patricia Hearst afirma, ainda hoje, ter sofrido lavagem cerebral durante o sequestro, e por isso não se considera responsável por seus atos. Parece uma boa tática... Muitos brasileiros certamente poderão aderir a esse discurso, afinal, dia e noite, são bombardeados por todos os tipos de mensagens explícitas (nem se preocupam mais em fazê-las subliminares) a fim de fugirem da realidade e lutarem por um paraíso terreno. Enquanto cada um colabora, com o seu quinhão, para tornar mais satânica a terra do Dr. No... Bem, se não nasceu aqui, certamente se naturalizou, e faz as suas estripulias por todo lado, de norte a sul, de leste a oeste, seja de terno, toga, farda ou camiseta regata. Infelizmente, não existe um James Bond para combatê-los... Existir até existe, mas ele está confinado a um bordel ultrassecreto... e de lá não quer sair.

Você já ouviu falar de Patricia Campbell Hearst? Não? E Tania? Sabe quem foi? Ou foram? Pois bem, vou explicar: Patty Hearst, para os íntimos, é neta do bilionário das comunicações americanas William Randolph Hearst, o mesmo retratado por Orson Wells em "Cidadão Kane", de 1941. Se quiser saber um pouco sobre a vida e os métodos jornalísticos do vovô Will, assista à película, ganhadora do Oscar de melhor roteiro, e considerado pela crítica mundial como o melhor filme de todos os tempos (há quem duvide... muitos negam... mas a maioria das pessoas sequer sabe da existência deste e de outros excelentes filmes, especialmente quando se está enfeitiçado, ou melhor, abduzido, pelos produtos da Marvel e D.C. Comic).

Patty, em 1974, aos 20 anos, foi sequestrada pelo grupo revolucionário/marxista americano chamado Exército Simbionês de Libertação (a nota engraçada é que se autodenominavam "libertação" mas faziam mesmo era roubar, sequestrar, assassinar e cometer outras violações da liberdade), cuja bandeira era o fim do racismo, da monogamia e do sistema penitenciário (alguma semelhança com boa parte da plataforma dos partidos brasileiros?). Como não existe coerência e lógica entre revolucionários, o primeiro assassinato foi, por incrível que pareça, de um negro. Sim, o professor Marcus Foster, o primeiro negro a ocupar o cargo de superintendente das escolas em Oakland,



A NATUREZA DOS MACHOS

A comédia foi escrita em 1989 por Michel Salomão, e por três vezes quase chegou a ser encenada, uma delas pelo comediante e ator global Felipe Wagner (de Zorra Total, entre outros), que viajou até Belo Horizonte para negociar os direitos da peça, mas veio a falecer pouco tempo depois, inviabilizando o projeto.



Depois disso, ficou esquecida nos arquivos da Biblioteca Nacional, até que fosse montada pela 5ª Cena, Companhia de Teatro, sob a irreverente direção de Bim Carvalho. Estreou em 2019 e chegou a ser apresentada na Campanha de Popularização do Teatro, promovida pela Prefeitura de Belo Horizonte, mas quis o destino que sua temporada fosse interrompida pela Pandemia do Covid-19, e somente agora retornasse a cartaz.

A farsa gira em torno de Mário, um pacato marido que “desconfia” que está sendo traído pela esposa, porque ela lhe contou espontaneamente, sem qualquer pressão, mas ele ainda tem dúvidas, pois insiste em acreditar que poderia ser apenas parte de um plano da esposa para lhe fazer ciúmes, e



assim busca a ajuda do seu amigo Vidigal, um típico machão, que inventa as mais absurdas estratégias para extraírem a verdade da suposta traidora, até que são surpreendidos pela chegada do Amante, mas a situação fica ainda mais conturbada com a entrada em cena das esposas de ambos, as amigas Márcia e Regina.





No elenco Bim Carvalho (que também dirige o espetáculo), William Gomes, Patrick Albeinstein, Janaína Barbosa, Jessy Nayra, Noane Louise, Joana Luz, Diogo Amaral e Ester Souza. Em cartaz no Teatro do NET, dias 18 e 19 de junho.



TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br

A DISTRAÇÃO DO PECADO



"Guardo, entretanto, uma nítida certeza,
de que a esperança está viva, não
morre, até mesmo para este documento
ressurgido das cinzas. Na mesma
escuridão vivida por anos, também
existi, sem a noção de que as trevas
podem nos cegar ao ponto de não
reconhecê-la, nem se perceber catigo
em seu meio.

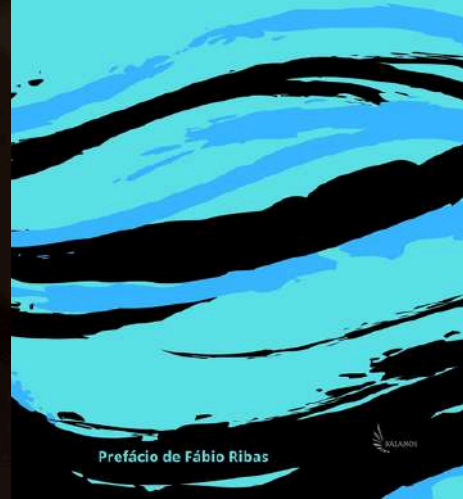
Contudo, a luz dissipa as trevas, e ao
me alcançar, deu vida ao morto
inacabado"

"A vida é o esconderijo da morte"



ESCONDERIJO DE DIAS INTANGÍVEIS

JORGE F. ISAH



Prefácio de Fábio Ribas



JORGE F. ISAH

A VIGA OCA SOB O TETO



DEBAIXO DE UM CARVALHO EM OFRA

Jorge F. Isah



Copyrighted Material

JORGE F. ISAH

ARPEGGIOS INSULARES

POEMAS



Copyrighted Material



KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br

PIADAS CLÁSSICAS

Dois canibais estão em um churrasco:

- Não aguento mais a minha sogra!
- Então, come só a batatinha!

Na sala de espera do Hospital, o médico chega para o cara muito nervoso, e diz:

- Tenho uma PÉSSIMA notícia para lhe dar... a respeito da cirurgia que fizemos em sua mãe...
- Não, Doutor. Não é minha mãe. É minha sogra!
- Nesse caso, então, tenho uma ÓTIMA notícia para lhe dar...

Um padre, um pastor e um rabino reuniram-se para saber o jeito como cada um dividia o dinheiro entre o que ficava com Deus, isto é, com a Igreja ou Sinagoga, conforme o caso, e o que sobrava para cada um deles. Disse o Padre: "na minha Igreja Católica, eu pego toda a coleta do período, faço um círculo no chão e atiro todo o dinheiro para o alto, aquilo que cair dentro do círculo pertence a Deus, o que cair fora é meu". Disse o Pastor: "eu também faço a mesma coisa na minha Igreja; só que o que cair dentro é meu e o que cair fora é Dele". O Rabino falou: "pois eu jogo tudo para cima, e o que Ele pegar é Dele, o que cair no chão é meu!!!

Jaco levou o Jacozinho, seu filho de 06 anos, a um parque de diversões, e o menino ficou maluco para voar de helicóptero.

- Quero levar minha filhinha pra passear - disse Jaco ao piloto.
- São US\$ 100,00.

Lógico que o judeu não aceitou e como o garoto começou a chorar, o piloto propôs uma solução:

- Eu levo você e seu filho. Se você não gritar durante o passeio eu não cobro nada.

E assim foi. Durante o voo, o piloto deu rasantes, piruetas, desceu e subiu bruscamente e Jacó, com os olhos arregalados, ficou mudo como uma rocha...

Quando a nave pousou, o piloto perguntou a Jaco:

- Em nenhum momento você deu um pio sequer... não senti medo e vontade de gritar?
- Senti muita medo e quase gritei... principalmente quando Jacózinho caiu...

O Primeiro Sutiã

- Mamãe, deixa eu usar sutiã?
- Não!
- Por favor, mamãe!
- Jamais!
- Mas mãe, eu já tenho 15 anos!
- Não, não e não! Eu já falei que não! E vê se pára com essa conversa, Rogério!

Primeiro dia de aula e a professora resolveu conhecer os alunos:

- Mariazinha, do que você mais gosta?
- Chocolate - respondeu a gordinha.
- E você Zequinha?
- De videogame, professora!

Aí ela virou pro Joãozinho:

- E você, Joãozinho, de que que você mais gosta?
- De Tu, fessôra!

A professora emocionada, interrompeu a aula e levou Joãozinho para a cantina, querendo lhe oferecer alguma coisa.

- O que você vai querer, Joãozinho?

Ele disse: - ToTa-Tola, fessôra!

O guarda mandou o sujeito parar o carro.

- Seus documentos, por favor. O senhor estava a 130km/h e a velocidade máxima nesta estrada é 100.
- Não, seu guarda, eu estava a 100, com certeza.

A sogra dele corrige:

- Ah, Chico, que é isso! Você estava a 130 ou mais!

O sujeito olha para a sogra com o rosto fervendo.

- E sua lanterna direita não está funcionando...
- Minha lanterna? Nem sabia disso. Deve ter pifado na estrada...

A sogra insiste:

- Ah, Chico, que mentira! Você vem falando há semanas que precisa consertar a lanterna!

O sujeito está fulo e faz sinal à sogra para ficar quieta.

- E o senhor está sem o cinto de segurança?
- Mas eu estava com ele. Eu só tirei para pegar os documentos!

- Ah, Chico, deixa disso! Você nunca usa o cinto!

O sujeito não se contém e grita para a sogra:

- CALA ESSA BOCA!

O guarda se inclina e pergunta à senhora:

- Ele sempre grita assim com a senhora?

Ela responde:

- Não, seu guarda. Só quando está bêbado...

À noite, Salim reúne a família:

- Isaac já fez?
- Sim, babai.
- Jacob já fez?
- Sim, babai.
- Sarah já fez?
- Sim, babai.
- Raquel já fez?
- Sim, babai.
- Então bode dar a descarga...

No balcão da Alfandega:

- Seu nome ? - Abu Abdalah Sarafi. - Sexo? Quatro vezes por semana. - Não, não é isso que eu quero saber: homem ou mulher? - Homem, mulher. Algumas vezes, camelo também serve.